

Santa Maria – RS - Brasil

Seis Não-Contos Vesperais

SORIANO, Marcelo Melo.

Inverno - Julho, 2007.

“O que escrevi, escrevi!”

(Jo 19:19-22).

1 - Criação e Queda¹

Uma sala vazia. Cheia de ar. Um imenso vazio². Um tapete velho e batido; o universo. Sobre ele, um homem deitado, ou seria caído? Talvez um corpo apenas. O fim do corpo. O contorno marcado com giz branco daquele que fora alguém um dia. Pelo vão entreaberto das cortinas brancas, encardidas, desbotadas, desgastadas, o facho do sol matinal perpassa, invadindo a privacidade do corpo que, nu, já não existe mais para este mundo, nem perante a lei dos homens, nem perante a lei da vida. Partículas de pó, milhões de corpos celestes dançam naquele filete de luz que, como um tentáculo estendido busca arrancar a revelação do tempo, do espaço, e da verdade que, aqui e agora, só existe no murmúrio urbano da metrópole imaterial. Verdade que, daqui para frente, deixa de valer a pena. O contorno riscado no tapete. Vestígio. A pegada indica: “Adão passou por aqui.”.

O que mais importa dizer, ou ver, senão a vida que foi, mas, agora, deixa de ser?

Sala. Tapete. Cortinas. Inanimado, um corpo jaz em seu repouso inercial newtoniano. Que outros objetos representam importâncias fundamentais, na solenidade do momento? *Post mortem*. Putrefação. *Causa mortis*. Vingança ou misericórdia?

A Poltrona, sem requinte, acomoda sobre o braço esquerdo um inoxidável cinzeiro transbordante de cinzas. Em cada detalhe do abajur sem lâmpada, do ventilador de teto com suas pás ornadas com densas teias-de-aranha, da cristaleira sem cristais, do criado mudo com um dedo de pó sobre o tampo, da mesa de centro arredada para o canto perto da poltrona, do calendário enviesado na parede ao fundo e folhas ao chão, como se algum outono impetuoso, louco e transtornado houvesse se abatido sobre aquele ambiente com cheiro de mofo e de atmosfera sombria e úmida... Em cada ínfimo e íntimo detalhe, um ranso de mortalha.

A cada meia hora, o sol se fortalece... E o corpo, em sua nudez vazia sobre o chão desmerecido pelos anos, morre, cada vez mais profundamente...

Um assassinato sem arma. Um cadáver sem alma. O relógio de pulso que haveria ali... Ambos parados há muito tempo: relógio e pulso...

Às vezes me questiono sobre a realidade da vida. Penso que, se o deixar de existir implica em estar-se morto? A morte é a prova concreta da inexistência da vida. Mas e a existência? A animação do cadáver que o fazia equilibrar-se sobre a terra, caminhar, sofrer,

rir e chorar? E a força? E o desejo? E a honra? E a culpa? Talvez a morte seja a confirmação de que nada existiu concretamente. Apenas, passaria a vida, para um estado de confirmação do nada, de ilusão, um somatório de possibilidades e probabilidades que, ora, experimentamos e compreendemos, nunca se tornaram prática, apenas estudo, teoria e percepção volátil.

Se houvesse tempo e consciência, se o calendário não se tivesse desfolhado e se o relógio e o pulso não tivessem se desacelerado até parar, seria justa e perfeita a reflexão sobre o que aqui medito, de frente ao corpo pesado em seu sono profundo; tão profundo quanto as entranhas da Madrasta Natureza.

Pela sonoridade que vem lá de fora, perpassando as vidraças, já vai longe a tarde e, o que era luz, volta lentamente a ser treva e solidão. O descaso dos vizinhos que, sequer desligam seus televisores para pensar no que pode estar acontecendo ou deixando de acontecer do outro lado das paredes de seu mundo, é natural. Sim, somos todos iguais. Individualmente diferentes, divergentes, leigos em todos os assuntos que não nos dizem respeito, porém, sábios no que tange à encarnação da ignorância extrema. Somos todos idênticos e semelhantes. Similares. Somos Adão e Eva, resguardados, guarnecidos e alimentados pelos limites seguros dos muros de seu próprio jardim pessoal.

Mas, nestas horas de crime e circunstâncias, a filosofia perde os sentidos e desfalece no rumor insano e familiar do desconforto intelectual.

Depois de... Dez horas? O que dizer sobre a inércia e a inanimação de um óbito induzido? Pobre velhote avulso! Definitivamente, agora, sem sombras de dúvidas, dói mais em nós do que nele! O que dirão os curiosos quando derrubarem a porta e encontrarem apenas a mobília e o vazio de um alguém que simplesmente “partiu” sozinho?

Não costumo levar nada que faça parte dos pertences de meus clientes, porém, desta vez, minha fraqueza fala mais alto: “Oscar Peterson in The Gershwin songbooks”, isso é muito mais do que eu possa controlar! Ao apanhar os vinis, deixei as chaves caírem no tapete. Sim, as chaves. Estávamos perdendo as chaves... Nós, o Sopro Ceifador!

O que posso fazer por vossa inocência, velhote, é deixar “A Foggy Day” rodando no prato... Não era disso que gostavas? Pois então, aí está... Nossos últimos minutos de alento... O que resta a fazer agora? Preciso consultar meu manual:

1) Tocar a campainha e apresenttar-se;

- 2) Convidar o cliente a ajoelhar-se e pedir perdão;
- 3) Convidar-se a entrar no alojamento físico;
- 4) Alojarse;
- 5) Suicidar-se;
- 6) Ir embora sem deixar vestígios, somente as cinzas no cinzeiro... Mas não esquecer de, sempre, lavar as mãos e despojar-se da simbologia dos metais.

Sim, velhote, precisamos dar cabo dos vestígios. Deixe-me pensar... O que seria do seu feitio? Enfiar a cabeça no forno e deixar o gás aberto? Lançar-se do oitavo andar? Uma banheira de água quente e uma gilete? Não. Nada combina com seu estilo, velhote. Meu último cliente e, sequer, consigo solucionar o mais leve dos problemas... Sim! Coma alcoólica. A solução estava ali, derramada sobre o tapete... Envelhecida doze anos. Outra vez tivemos sorte, meu velho!

- Ide em paz! E que o Senhor vos acompanhe!

2 - O Dilúvio³

*“Gotas escorrem.. Poesia além das vidraças do mundo.
A cidade chora seus vivos”(M.M.Soriano – A Chuva)*

- Táxi!

- Aonde devemos ir, madame?

Para o Inferno seria a resposta mais digna, mas, como de praxe:

- Quinze com Goitacás.

O homem e seu ofício. Pelo espelho retrovisor posso ver seu canto de olho. Mais que isso, posso ler sua mente adormecida. Pelo menos, o mundo do velhote era mais amplo: trinta metros quadrados de sala; mas este aqui, ah este aqui fez o mundo em seu veículo!

- Pise fundo, pois estou “sem pressa!”.

- Madame, nessa garoa, são arriscadas as ultrapassagens.

Manifestação que não merece resposta. O que levar de recordação desta vida? Uma simples frase de prudência relativa. “Madame, nessa garoa, são arriscadas as ultrapassagens”. Infeliz. Medíocre. Merecia purgar por mais um tempo neste vale de lágrimas!

Não. Engana-se quem entende o mundo como um “vale de lágrimas humanas”. O mundo não vale. Um vale que não vale nada. Tudo sobra. Abunda. Exceto a decência e a sabedoria. As lágrimas caem e escorrem... Correm sarjeta abaixo... Isso quando não transbordam os esgotos e os riachos poluídos matando a ilusão afogada.

- Repare, madame! Houve algo ali.

O taxista admira-se com o aglomeramento de gente, em plena chuva que começa a apertar, buscando com seus olhos sedentos de desgraça os restos mortais de um cadáver inerte sendo desovado de um condomínio de classe média. O condutor murmura suas últimas palavras:

- Não consegui ver nada. Mas, que Deus, em sua infinita sabedoria, o perdoe em sua miserável, porém santa, ignorância!

Como pode? Um leigo proferir a Fórmula do Desenlace? Isso é um sacrilégio! Alguém anda voltando a “jogar pérolas aos porcos”. Mas quem poderia ser? Somos apenas Instrumentos. E, agora, cavalgam apenas nós sobre este orbe terrestre...

A dança dos limpadores de pára-brisa... No rádio do carro, feliz ou infeliz coincidência, “Love Walked In” de Gershwin. O melhor a fazer agora é cerrar os olhos e saborear o momento...

“Não me diga onde errei! Diga o que não voltará a acontecer em torno de mim, sua Vaca Imunda!”, aquelas palavras ainda retumbam na minha alma. Digo isso como se fosse uma alma comum. O velhote mereceu apodrecer sobre sua batida tapeçaria doméstica. Mas sei que ele estará me esperando na saída... Quando o meu momento chegar...

Irá demorar para compreendermos que somos o “todo” do lodo e não fragmentos.

- Desligue o rádio, por favor!

O branco dos olhos contrastando com a pele, espiam pelo retrovisor... Silenciosamente, ele desliga o rádio, suspira profundamente, e desfalece...

Um amontoado de ferragens é retirado do Arroio Tristeza, às margens da Rodovia Santo Inácio.

- Ele dormiu na direção. Eles trabalham mais de 12 horas seguidas. É o que dá! Sem marcas de derrapagem, apenas desviou e foi parar lá embaixo! A sorte é que estava sozinho!

Um engarrafamento de vinte e dois quilômetros sob forte chuva...

“Acordamos cedo. Para dormir temos a eternidade!”. Mais uma frase sem início, meio e fim.

Enquanto os miolos de ambos escorrem misturados pelas paredes azulejadas do armazém, reparo bem ao fundo uma imagem de Iemanjá. Só me resta perguntar:

- Quem eram, Senhora?

- Meus dois primeiros filhos. Um de cada casamento. O fruto português foi comerciante, já o fruto italiano era o “cabeça” desta terra onde pisas. Ambos esperados, ambos amados, porém, ambos natimortos.

Amanhece na Vila do Porto e o vigia esfrega com as mãos fedorentas os olhos tresnoitados.

No rádio, antes da música, o anúncio da ocorrência policial.

4 - Violação de Uma Virgem⁵

Três pivetes não são suficientes para arrombar o pesado portão de cedro de uma igreja suburbana. Enquanto um observa tudo em sua volta, o outro busca, com o ouvido espichado, o ronco do padre dormindo na sacristia... O terceiro, sim, o que sabe fazer é dar ordens aos seus dois companheiros. Três sábios que não sabem nada! Tudo o que almejam é violar a porta dos fundos.

Nestas coisas de religião, gosto de poupar os ortodoxos. É uma opção pessoal. Se bem que, de pessoal, não temos nada. Apenas reparamos a nossa própria integridade.

Sempre, após a missa diária, o padre prolonga suas orações com o grupo de jovens noviças. Persistência e sacrifício na adoração do Sagrado... Mentira! O padre quer as noviças; as noviças querem Jesus. Mas a culpa, a Santa Culpa, os resguarda sob a abóbada da moralidade e do temor de Deus. Seus desejos são fracos, quão forte é a carne. A medida que arregalam um dos olhos para espiar a nudez casta pelo buraco da fechadura, fecham o outro olho como se implorassem o perdão divino pelo desejo incontrollável. E entre o ansiar e o comedir-se, as igrejas vão ruindo sem alguém que as levante em no máximo três dias. Enquanto isso, o bom e o mau ladrão fazem aquilo que o terceiro ordena:

- Prestem atenção! Prestem atenção! Hoje estamos com sorte no jogo. Murmura um dos pivetes.

Crianças, crianças! Com a boca e os dedinhos melados de chocolate pondo a culpa nas formigas...

O padre morre atirado no corredor, na frente da porta que dá acesso aos chuveiros...

Condenou-se sem esperar a sentença.

E os três sábios saíram em disparada pela mesma porta que arrombaram,
Enquanto isso, as noviças gritavam de medo, êxtase, impotência... Excitação?

.....

5 - A Tenda⁶

- Senhor Alberi, Senhor Alberi! Após dezenove anos de serviços prestados, a nossa corporação tem o prazer de anunciar: o senhor está despedido! Olho da rua! Mas antes, passe no Departamento Pessoal. E o novo chefe, um garoto que podia ser filho ou neto de Alberi, sorri vitorioso com a nova sensação, tão aguardada e trabalhada meticulosamente: o exercício do poder.

- Eis o gozo de se construir uma carreira sólida e inabalável, totalmente fundamentada em fofocas e puxa-saquismos! Exclama com seu coração acalentado pela vaidade, o jovem e fresco gerente radiante de soberba.

Nada vence a corrente das Corporações. Nada. Nem mesmo os dezenove anos de servidão competente, assídua, pontual e disciplinada de Alberi, o ex-gerente. Aliás, do alto de seus cinquenta e quatro anos, Alberi é um “ex” de carteirinha: ex-engraxate, ex-jornaleiro, ex-auxiliar de escritório, ex-atleta, ex-aluno da Faculdade de Economia, ex-marido (duas vezes), ex-alto funcionário da Corporação.

Alberi esvazia suas duas gavetas e, com uma caixa de papelão embaixo do braço, encaminha-se ao setor de Recursos Humanos de sua ex Corporação, como um detento se encaminhando para fora da jaula.

A amargura da vida, em certas horas, torna-se intragável. Alberi caminha pelo centro da cidade. Olhos ao chão, tudo o que consegue ver são passos alheios, ao som de motores, buzinas e anúncios de comerciantes informais. Como um mantra, Alberi repete para si mesmo: eu sou um monte de esterco; nós somos esterco; o mundo é uma latrina...

E, cabisbaixo, na multidão movediça, Alberi afunda-se para sumir no esquecimento...

- Nono, por gentileza. Solicita a vendedora de doces ao homem engravatado, o qual atende à solicitação de pronto, mas logo demarca sua posição para que a mulher não o tenha por um subalterno:

- Está quente aqui! Preciso mandar concertar o ar condicionado. Apesar de ser o Gerente de Marketing da Corporação, preciso pensar, inclusive, nisso! Não é fácil!

“Não é fácil!”. Esta é a expressão mais banal que um yuppie ambicioso poderia escolher como últimas palavras. Ah se eles soubessem o quão tolos são! Incrível som ambiental... “It Ain't Necessarily So”, com Herbie Hancock⁷.

Black-out. Entre um andar e outro, o elevador pára. O homem e sua gravata de seda. Escuridão total. Ansiedade. Nervosismo. Desespero. Pânico. Apenas o brilho de seus olhos arregalados.

- Acenda um isqueiro! Force a porta que ela abrirá! Nós dizemos.

A porta abre. Apenas um vão entre o alto da porta e a laje que separa o sétimo do oitavo andar. A cabeça passa, os ombros... O tórax não. Instantaneamente, a luz retorna. As portas fecham, e o homem rapidamente volta atrás e retira sua cabeça antes que seja guilhotinado entre o elevador e a laje... “Ufa! Por um triz!” ele diria, se houvesse tempo... Sua gravata ficou presa para fora... O elevador sobe, e ele é puxado até o assoalho num movimento rápido e contínuo...

- Ajoelha-te, bastardo! E clama por piedade! Ordenamos.

E o laço de sua gravata de seda italiana aperta tanto, que seus olhos esbugalham e saltam das órbitas... E no nono andar, as portas se abrem com um jovem cadáver separado da cabeça, e um tapete vermelho de sangue se estende pelo assoalho do elevador. Eu perguntaria se estivesse ainda ali:

- Onde foi parar a força da Corporação?

Sim. O rapaz se fez homem e deu seu sangue pela Corporação.

A Corporação não protege suas crias; alimenta-se de seus talentos... E os enclausura num cofre para que ali permaneçam rendendo dividendos até o Dia do Juízo. A Corporação apenas recompensa aos que a ela alimentam no aqui e agora. A Corporação se alimenta de corpos e mentes.

Jovem tolo. Morreu pelo próprio veneno: o ímpeto e a ansiedade. Morreu antes de Alberi.

- Hoje foram duas... Hoje cinco... Hoje só uma. Sempre comenta Ana Laura, a recepcionista.

Com o tempo, Alegria foi percebendo que os olhos de Ana brilhavam com a notícia da morte das crianças.

O coração de Alegria enchia-se de desgosto a cada chegada. Ao contrário do coração de Ana Laura, que exultava a cada comunicação de óbito.

Numa das vezes, Alegria decidiu mudar o dia e o horário costumeiros, sem aviso prévio,. Chegou bem mais cedo e um dia antes.

Ana Laura não estava em seu posto de trabalho. A Ala Infantil parecia deserta. Onde estariam todos? Corredores desertos, leitos vazios, salas fechadas. Onde foram todos?

À medida que Alegria avança pelos corredores, começa ouvir um murmúrio distante. Entra numa espécie de sala de cirurgia, e ali está, sobre a mesa, uma pequena menina, sem nenhum fio de cabelo na cabeça. Alegria se apieda e lhe oferece sua cartola de papelão. A menina diz sim com um leve sorriso. Alegria se ilumina com o brilho radiante que se manifesta no semblante daquela alminha desenganada. E sente, com toda a sua alma, que a menina está curada. Primeiro milagre!

Na sala vizinha, um chorinho... O Palhaço Alegria percebe uma criança que teve seu nariz extirpado por conta de um tumor. Então Alegria tira seu nariz de buzina e coloca na criança. E sente: aquela criança também está curada. Segundo milagre!

E assim, ele vai, de sala em sala, doando as partes de seu uniforme de trabalho em prol da cura das crianças... Uma luva por uma mão doente. Milagre! Um sapato por um pé. Milagre! A peruca por cabelos. Milagre! Os óculos que esguicham água por dois olhos. Milagre! O colete por um par de pulmões... As ceroulas pelos rins e a bexiga... Milagres, milagres, milagres!

Completamente nu, Alegria é luz plena e radiante. Mas ainda falta uma sala... Alegria abre a porta e a luz está apagada. Tateia no escuro. Um clique. Luz acesa. Ana Laura, que dormia profundamente, abre os olhos e se depara com Alegria nu. Seus olhos brilham. E Alegria que já reconhecia o brilho do prazer daquele olhar se enche de desgosto. E se zanga. É impossível defender-se de um palhaço enfurecido! Alegria sente o sangue ferver, tanto que acaba caindo com o rosto no chão, aos prantos. Ana Laura, sem dizer palavra alguma, ergue Alegria do chão de maneira humanitária e, num gesto impulsivo, o

beija fervorosamente e mordisca seus lábios. Alegria não entende. Também pudera, como saber diferenciar o brilho do amor do brilho da morte?

- Eu te desejo, Alegria, vem comigo! Pega aqui! Põe aí!

- Eu te odeio, Ana Laura, prostituta!

Alegria aperta, com toda a sua força, o pescoço da mulher. Ana Laura expira...

Alegria ofendeu-se pela piranha da Ana Laura ser tão dissimulada. Confundia a morte com prazer; e prazer com amor.

O Palhaço Alegria, ali, naquele exato momento, recebeu a graça da desgraça. Eis que lhe desce A Grande Revelação: ele era um com Ana Laura. As crianças eram clientes. De uma, ele arrancou as mãos, de outra o escalpo, de uma outra o nariz, de outra as pernas, e assim por diante... Víscera por víscera, órgão por órgão... Ana Laura, em sua loucura, construiu Alegria, o palhaço fantasma que curava e fazia milagres. E, de repente, as semanas se transformaram em minutos, os dias em segundos.

Tudo não passou de um delírio. Alegria nunca existiu.

Desorientada, Ana Laura adormece em irreversível ausência...

E a chefe de enfermagem passa a próxima hora e meia juntando seus níqueis do chão...

- “Eu te odeio, Ana Laura, prostituta!”, eis aí uma frase de efeito! Repete a chefe da Ala Infantil. Ana Laura, elas já estavam desenganadas mesmo! Fostes instrumento. Nós, simplesmente, abreviamos seus sofrimentinhos!

¹ Bíblia de Jerusalém. Gênesis 1.

² Bíblia de Jerusalém. Gênesis 1.

³ Gênesis 6.

⁴ Êxodo 11.

⁵ Êxodo 22, 15-16.

⁶ Êxodo 33, 7.

⁷ Gershwin's World.

⁸ Levítico 22, 10.